Dia 13 — Os Santos Mártires do Japão: Paulo Miki, João de Goto e Diogo Kisai, da Companhia de Jesus

Com verdade se pode dizer que quis Deus nestes derradeiros tempos renovar na igreja do Japão todas as maravilhas que obrou seu poder nos primeiros séculos da primitiva Igreja. Os mesmos milagres da graça na pronta conversão dos povos e dos reis; a mesma piedade e o mesmo fervor nos novos cristãos; os mesmos prodígios obrados por São Francisco Xavier, que foi o apóstolo daquela nova porção do rebanho de Jesus Cristo; e enfim a mesma perseguição, que, tanto no número das pessoas como no horror dos tormentos, excedeu as mais cruéis perseguições dos reis da Pérsia e dos imperadores romanos; mas também o mesmo valor nos novos cristãos, a mesma magnanimidade e a mesma constância.

Sete anos depois que os portugueses aportaram ao Japão pela primeira vez, entrou nele São Francisco Xavier para pregar a fé de Jesus Cristo. Era o ano de 1549, e sua pregação fez tantos progressos, tanto pelo imenso zelo e portentosos prodígios deste novo Apóstolo como pelo que, à sua imitação, mostraram os muitos da Companhia que lhe sucederam em suas apostólicas empresas, que se viu como renascer a primitiva Igreja no Japão; e em poucos anos contaram-se naquelas ilhas muitos milhares de cristãos.

No ano de 1587, trinta e oito depois que São Francisco Xavier havia semeado o primeiro grão do Evangelho naquela inculta gentilidade, contavam-se já mais de duzentos mil cristãos no Japão; entre os quais havia muitos reis, muitos príncipes, muitos generais, os primeiros senhores da corte e a flor da nobreza japonesa. Aumentava-se cada dia a cristandade pela particular estima que fazia da religião cristã o imperador Cambacundo, que depois tomou o nome de Taicosama, que significa o muito alto e soberano senhor. Mas, invejoso o inferno do triunfo de Jesus Cristo e assustado com suas conquistas, excitou uma perseguição tão desfeita e tão tenaz que ainda dura em nossos tempos, havendo convertido em vítimas da fé aquele prodigioso número de cristãos.

Havendo resolvido Taicosama (o tirano mais cruel que talvez viu até hoje a Igreja de Jesus Cristo) exterminar o cristianismo de todo o império do Japão, começou pelo desterro dos missionários. Mas tanto os Jesuítas como outros religiosos que se achavam naquele império quiseram antes expor sua vida que abandonar aquela aflita cristandade, tendo-se por ditosos em derramar o sangue pela

fé e em merecer por seu zelo a palma do martírio. Como o fogo da perseguição se havia estendido por todo o vasto império do Japão, eles se repartiram também por todas as províncias, não só para conservar, mas para aumentar também, se pudessem, o rebanho de Jesus Cristo durante aquela furiosa tormenta. De tal maneira abençoou Deus seus apostólicos trabalhos que, desde o princípio da perseguição até o ano de 1597, isto é, em menos de dois anos, batizaram mais de setenta mil pessoas.

Pelo fim do ano de 1596 chegou ordem do Imperador ao governador de Osaka para que prendesse todos os religiosos de São Francisco e da Companhia que se achassem naquela cidade. Não se encontraram nela mais que seis frades de São Francisco e três Jesuítas, porque os demais se haviam repartido pelos lugares e aldeias da província para animar os cristãos e dispô-los a padecer aquela perseguição. Os jesuítas eram Paulo Miki, João Soan e Diogo Kisai: os dois últimos estavam ainda no noviciado, mas seu fervor e seu zelo não era inferior ao dos mais antigos.

Era Paulo Miki natural do reino de Awa, o mais oriental dos quatro em que se divide a ilha de Xicoco. Seu pai Fandaidono, um dos capitães de Nobunaga mais estimados e mais favorecidos do Imperador, havia recebido o batismo no ano de 1568 juntamente com seus filhos, sendo nosso Paulo o menor de todos e tendo então só cinco anos; mas já desde esta idade mostrava tanta inclinação à virtude que todos prometiam uma santidade eminente, e por isso se dedicou seu piedoso pai com particular desvelo ao cuidado de sua educação. E descobrindo-se no menino um natural feliz, um engenho vivo e penetrante, com uma piedade que, ainda que terna, parecia muito superior a sua idade, enviou-o ao seminário de Azuchi, que estava a cargo dos Padres da Companhia, onde em brevíssimo tempo fez admiráveis progressos, tanto no estudo das letras como na verdadeira ciência dos Santos. A inocência de costumes, junta a uma devoção ardente e fervorosa, acendeu logo naquele pequenino coração um zelo tão abrasado da salvação de seus patrícios que, apenas soube Paulo o catecismo, começou a ensiná-lo aos outros; e soube já fazer catecúmenos numa idade em que fazia muito em saber o que era ser cristão.

Uma virtude tão antecipada e tão pura lhe inspirou logo um grande desgosto do mundo; e seu ardente amor a Jesus Cristo não lhe permitiu dedicar-se a servir a outro dono. Apenas conheceu os Jesuítas, pediu com instância ser admitido na Companhia; sendo os principais motivos que o determinaram a esta eleição a particular profissão que faz a Companhia de honrar singularmente a Mãe de Deus, de quem o menino Paulo Miki era devotíssimo; e depois disto o moveu o dedicar-se por instituto a trabalhar sem tréguas nem intermissão na salvação dos próximos. Foi recebido nela e desde logo deu os sinais menos equívocos de quanto havia de honrá-la com o tempo, no extraordinário fervor com que fez seu noviciado. Concluído este e acabados os estudos, aplicaram-no os superiores inteiramente ao ministério da pregação, para o qual descobriu tão singular talento que se fazia dono dos corações de todos com admirável facilidade. Só com deixar-se ver no púlpito não havia pecador tão obstinado que não se lhe rendesse; não havia idólatra tão cego que pudesse resistir à eficácia de seus discursos e à invencível força de sua eloquência sempre vitoriosa. Os primeiros anos pregou no reino de Arima e no principado de Omura com tão prodigiosos concursos e com tão assombrosas conversões que não havia memória de haver-se visto jamais semelhante comoção. Noticiosos os superiores do fruto que fazia nosso pregador, puseram nele os olhos para que fosse ajudar o P. Organtino, que cultivava a cristandade de Osaka e de Meaco com trabalhos inauditos. O mesmo Miki se deixou admirar no centro do império, que havia sido o assombro dos

dilatados reinos de Ximo. Concorriam a ouvi-lo das partes mais distantes, e era espécie de milagre que se visse um só sermão seu sem alguma conversão de muito ruído. Em vão se coligaram os bonzos contra o portentoso pregador do Evangelho: ninguém os combateu, ninguém os confundiu mais felizmente nem triunfou deles como quis, já fosse de viva voz em sermões e em disputas, já por escrito nos nervosos tratados de controvérsias que publicou.

Na verdade, a eminente virtude do servo de Deus, aquela terna devoção, aquela humildade profunda, aquela natural modéstia e aquela vida penitente apoderavam-se dos corações de tal maneira que ninguém podia resistir à impressão que faziam neles suas dulcíssimas palavras. Só com vê-lo no púlpito cativava; mas, em começando a falar, derretia, convencia e conquistava. Justamente lhe mereceram o nome de Apóstolo estas evangélicas conquistas; e como entre elas se contavam muitas conversões portentosas, veneravam-no todos como a homem extraordinário. Sem temeridade se pode crer e até afirmar que sua inocência de vida, sua piedade tão edificativa e seus grandes trabalhos apostólicos lhe mereceram a ventura e a gloriosa coroa do martírio.

João Soan, chamado João de Goto, porque era natural deste reino, nasceu no ano de 1518, reinando Luís I, um dos mais cristãos e mais zelosos príncipes daquelas ilhas. Eram seus pais cristãos e, logo que nasceu o menino, foi banhado com as salutares águas do Batismo. Mas, como não só eram cristãos, mas também muito piedosos, não contentes com haver-lhe feito batizar, criaram-no em toda virtude com o maior cuidado; e recaindo esta vigilante educação numa alma prevenida já com a divina graça, formou em João um moço com todos os sinais de verdadeiramente predestinado. Havendo morrido Luís I, um irmão seu usurpou a coroa a Luís II, filho do defunto monarca; e muitos cristãos, por evitar a perseguição que se seguiu imediatamente à usurpação da coroa, refugiaram-se no reino de Ximo, entre os quais foram o pai e a mãe de nosso João; o qual, achando-se transplantado a um país onde ninguém o conhecia, começou a sê-lo desde então com o nome de João de Goto; e com este nome é apelidado também nas atas de seu martírio. Vendo-o seus pais tão menino e temendo que se manchasse sua inocência e se perdesse o fruto de sua educação com o contagioso comércio de outros meninos de sua idade, meteram-no no seminário dos Padres da Companhia. Estava João dotado de um excelente engenho e de um coração verdadeiramente dócil; com o que em pouco tempo se habilitou nas letras humanas e se fez recomendável na ciência dos Santos. Por seus costumes angélicos mereceu ser proposto como modelo à juventude do Japão; e, havendo passado alguns anos na ilha de Xequi, enviaram-no os Padres da Companhia a que servisse de catequista em Osaka ao P. Morejón, que cultivava com feliz sucesso aquela nova vinha. Não era fácil encontrar outro moço de mais belo natural nem de uma virtude a toda prova que nosso jovem catequista.

Toda a sua ânsia era dar sua vida pela fé, e só aspiravam seus desejos à coroa do martírio. Havia pretendido muitos anos antes ser recebido na Companhia; mas, como era de tão tenra idade e o Padre Provincial estava muito distante, não havia podido lograr seus fervorosos desejos. Logo que chegou a notícia de haver-se acendido a perseguição e de que o Imperador estava resolvido a tirar a vida a todos os cristãos, não é explicável o gozo que lhe causou a esperança de ser mártir e a ânsia com que instou para que lhe dessem a roupa, muito persuadido de que a perseguição havia de começar pelos Jesuítas. Foram finalmente ouvidos seus desejos e, não bem havia sido recebido na Companhia, chegou o governador de Osaka a pôr guardas à casa, que é o modo com que se fazem as prisões no Japão. Bem pôde João libertar-se; mas estava muito longe de malograr tão

bela ocasião o que com tão ardentes ânsias suspirava pela coroa do martírio.

O terceiro da Companhia que foi preso chamava-se Diogo Kisai. Era natural do reino de Bizen e, tendo recebido o Batismo em sua juventude, havia-se sempre distinguido por seu zelo, por sua fé, por seus arrumados costumes e por uma vida exemplar. Ainda que era um pobre oficial de obscuro e humilde nascimento, tinha um coração nobre e generoso para com Deus, sem ceder a ninguém em fervor, em zelo e em virtude. Havia sido casado e, enquanto o foi, viveu com tanta inocência e com tanta piedade que era modelo de todos e confusão de muitos. Não assim sua mulher, cujos desarrumados costumes a precipitaram, não se sabe com que ocasião, na apostasia da fé. Deixou-a Diogo e, levando consigo um filho único que havia tido dela, colocou-o em lugar seguro, onde pudesse ser educado na religião cristã. Depois de dar ordem em seus negócios, retirou-se à casa dos Padres de Osaka, onde fazia ofício de porteiro, sem deixar de ajudar o irmão João de Goto no ministério de catequizar os que desejavam receber o santo Batismo. O grande amor à penitência lhe fazia atormentar seu corpo com as mais dolorosas mortificações, e sua devoção sobressalente era a terna que professava à santíssima Virgem Maria. Todo o tempo que tinha livre empregava-o em oração e em meditar a paixão de Jesus Cristo, que lia infalivelmente toda inteira cada dia, trazendo sempre consigo para este fim um livro da paixão. Havia já tempo que era pretendente da Companhia, desejando ser admitido por irmão coadjutor; e logo que soube a ordem que havia chegado de prender os Jesuítas de Osaka, reiterou suas instâncias com tanto fervor que logrou enfim seus desejos e foi contado no número dos noviços. O gozo de ver-se já na Companhia foi maior quando se achou preso por amor de Jesus Cristo, e não cessava de dar graças a Deus, em companhia de seus novos irmãos, por este singular favor que lhes dispensava a todos.

Foram conduzidos a Meaco por ordem do Imperador estes três heróis da fé e naquela cidade se encontraram com outros quinze cristãos condenados a ser seus companheiros na coroa do martírio. Eram os mais criados ou domésticos dos religiosos de São Francisco e quase todos da Terceira Ordem do santo Patriarca. Entre eles havia três meninos, cuja constância encheu de admiração os mesmos gentios e deu muita honra a nossa Religião. Chamavam-se Luís, Antônio e Tomé: o primeiro de doze anos, os outros dois não passavam de quinze, e todos três estavam dedicados a servir na igreja e sacristia do convento. O menino Luís ao princípio não estava posto na lista; mas, sabendo-o ele, foi tanto o que chorou, o que se afligiu e deu tais gritos que, para acalmá-lo, foi preciso escrevê-lo na lista com todos os demais. Achando-se um dia no convento onde estava preso o santo menino certo cavaleiro gentio e dizendo-lhe que, se queria, ele tinha modo seguro para livrá-lo, ao ponto lhe respondeu o fervoroso Luís: Melhor farias tu em receber o santo Batismo, sem o qual serás infeliz por toda a eternidade; e nisto, sim, estaria bem empregada tua indústria.

Aos 3 de janeiro de 1597 tiraram da prisão os vinte e quatro confessores de Jesus Cristo, levando-os a pé com as mãos atadas às costas pelas ruas de Meaco, e conduzidos à praça: ali lhes cortaram a todos a parte superior da orelha esquerda, cujas preciosas relíquias, arrojadas ao chão pelos verdugos, recolheram os cristãos com terna devoção. O secretário do governador de Osaka, que se chamava Vítor, teve cuidado de recolher as dos três Jesuítas e as presenteou ali mesmo ao P. Organtino, provincial do Japão. Quando as teve em suas mãos aquele venerável ancião, ofereceu-as a Deus derramando doces lágrimas e dizendo-lhe: Estes são, Senhor, os primeiros frutos, estas as primícias desta nova Igreja vossa, que consagro a vossa Majestade. O sangue

destes vossos fiéis servos, que rega esta inculta terra, seja como semente de outros inumeráveis que neste último ângulo do mundo vos honrem com seus exemplos, com suas virtudes, com seus tormentos, com sua vida e com sua morte. Concluída esta primeira execução, fizeram os ministros subir os santos Mártires de três em três em umas carretas que estavam prevenidas e de rua em rua os foram passeando por toda a cidade de Meaco. Foi inumerável o gentio que concorreu a este espetáculo; e, parecendo ao santo Paulo Miki que não devia malograr tão bela ocasião, converteu em púlpito a carreta e começou a pregar com grande fervor, exortando os Cristãos à constância na fé e persuadindo os gentios que se fizessem cristãos, sem o que não podia haver salvação.

No dia seguinte conduziram-nos nas mesmas carretas desde Meaco a Osaka, desde Osaka a Sacai e desde ali a Nagasaki, passeando-os em todas as partes pelas ruas, como se havia feito em Meaco, pregando em todas nosso Paulo com o mesmo zelo, com a mesma intrepidez e com o mesmo feliz sucesso. Não há vozes para explicar o muito que padeceram os santos Mártires em viagem tão penosa, em estação tão rígida e em frios tão cruéis como os do Japão. Mas a risonha alegria que se deixava ver em seus semblantes mostrava bem a doçura interior com que acompanhava o céu seus tormentos. Parecia que os levavam em triunfo, segundo o gozo com que derramavam seu sangue e davam suas vidas pela fé de Jesus Cristo. O governador de Nagasaki, Fazemburo, não pôde reprimir as lágrimas vendo entre os presos seu antigo amigo Paulo Miki. Rogou-lhe o Santo que não chorasse sua ventura e lhe pediu dois favores: o primeiro, que lhes permitisse receber a sagrada Comunhão; e o segundo, que dispusesse que fossem justiçados em sexta-feira. Esta última circunstância era a única que faltava à morte de nosso Santo para ser em tudo semelhante à de nosso Salvador. Eu, repetia Paulo muitas vezes inundado de alegria, tenho agora a mesma idade em que Jesus Cristo morreu: estou também sentenciado a morrer numa cruz: pois só me falta a fortuna de morrer no mesmo dia em que morreu meu divino Mestre. Ouviu o céu seus piedosos desejos; porque todos lograram o consolo de morrer em sexta-feira e crucificados também, se não no monte Calvário, num montezinho ou montanhola que se elevava a duzentos ou trezentos passos da cidade de Nagasaki, que se chamou desde então o monte dos Mártires. Tendo chegado nossos ilustres confessores da fé a uma pequena capela, permitiu-se-lhes o doce consolo de reconciliar-se com o P. Pásio, que os esperava nela; e em suas mãos fizeram ali os votos da Companhia os dois irmãos João de Goto e Diogo Kisai. Apenas se havia acabado esta devota função, quando chegou aviso de que Fazemburo os estava aguardando na colina onde se havia de consumar o sacrifício: ao ponto se puseram a caminho os santos Mártires, seguidos de um infinito gentio, marchando com tanta velocidade que apenas os podiam alcançar os que os seguiam.

Logo que descobriram as cruzes desde bastante distância, correu cada qual a abraçar a sua com tanto gozo e com tanta presteza que a ternura fez derramar muitas lágrimas aos Cristãos, e a admiração deixou como suspensos e atônitos os gentios. Estenderam-nos nelas e os asseguraram por braços, pernas e cintura com fortes bandas, acrescentando um colar de ferro pelo pescoço que, sem estorvar-lhes a respiração, lhes apertava a garganta, obrigando-os a manter as cabeças retas com dor e com violência. Elevaram depois as cruzes e, deixando-as cair em uns profundos buracos abertos na rocha viva para assegurá-las, o estremecimento do golpe lhes causou por precisão agudíssimas dores.

Ia-se a dar princípio à execução, e já os verdugos haviam empunhado as lanças para sacrificar ao Senhor aquelas valorosas vítimas da fé, quando, descobrindo o santo João de Goto a seu piedoso

pai, que, vencendo heroicamente os ternos impulsos da natureza, havia vindo dizer o último adeus a seu querido filho, disse-lhe com animosa generosidade: Bem vedes, pai e senhor, que não há no mundo coisa tão amável que não se deva sacrificar para assegurar a salvação eterna. Tenho a ventura de dar a vida pela fé de Jesus Cristo: rendei mil graças ao céu por este grande benefício que a vós e a mim nos fez. Tens razão, filho meu, respondeu o animoso pai, eu lhas rendo ao Senhor por graça tão singular e humildemente lhe rogo que te assista com a sua, para que leves adiante até o último suspiro esses nobres sentimentos, tão dignos de tua profissão e de teu estado. Podes morrer com o consolo de que tua mãe e eu estamos resolvidos a seguir-te no combate, se formos tão ditosos que a ocasião se nos apresente. Teve valor o esforçado pai para manter-se imóvel a seus pés até que veio voando a lança a passar de parte a parte o coração do felicíssimo filho; e ainda se diz que se manteve ao pé da cruz até que, bem empapado o vestido naquele nobre sangue, retirou-se ainda mais banhado o coração de gozo que de púrpura o vestido, rendendo ao céu mil graças por havê-lo feito pai de um mártir, ilustrando com essa imortal honra sua família.

Paulo Miki pregava desde a cruz com eloquência divina e, tendo dado princípio a uma devota oração pelos verdugos que o crucificavam, veio a lança pelo ar e abriu porta para que voasse sua ditosa alma a concluir a caritativa súplica no céu. Aos sessenta e quatro anos de sua idade, o santo Diogo Kisai estava intimamente penetrado dos mais vivos sentimentos de admiração, de devoção e de ternura, fixo o pensamento na Paixão dolorosa de Jesus, doce e perpétuo emprego de sua meditação e de sua memória desde seus mais tenros anos; e, quando se viu já estendido e amarrado numa cruz, não lhe cabiam no peito os amorosos ímpetos do gozo, considerando que ia já expirar nela por amor e a exemplo de seu divino Mestre.

Logo que se elevaram as cruzes, levantaram todos os Mártires os olhos ao céu e, oferecendo a Deus o sacrifício de suas vidas, pronunciaram todos o dulcíssimo nome de Jesus, que ainda tinham nos lábios quando chegaram as lanças a introduzir-se-lhes pelo coração, consumando todos quase a um mesmo tempo a glória de seu martírio.

Diz-se nas Atas que o santo menino Luís não cessou de rezar em alta voz o Pai-nosso e a Ave-Maria todo o tempo que se conservou vivo na cruz, e que o tenrinho Antônio convidava os assistentes a que o ajudassem a cantar o salmo *Laudate, pueri, Dominum*, correspondendo todos, não com vozes, que as afogavam dentro do peito a dor e a ternura, mas com lágrimas que a torrentes brotavam docemente pelos olhos. A sexta-feira 5 de fevereiro do ano de 1597 foi o ditoso dia em que esta generosa tropa, primícias do sangue cristão do Japão, aumentou o quase infinito número de mártires que registra a Igreja em seus anais.

Não tardou o céu em mostrar com sinais sensíveis e brilhantes a glória com que havia premiado o valor daqueles invictos campeões de Jesus Cristo. Conservaram-se seus corpos, por espaço de quarenta dias que se mantiveram nas cruzes, frescos, incorruptos e até formosos. As aves de rapina olharam-nos com respeito, não só sem maltratá-los, mas fugindo reverentes de aproximar-se deles; e exalavam todos tal fragrância que até os gentios confessavam o milagre, porque lhes entrava pelos sentidos. Com outras muitas maravilhas testificou o céu a glória de nossos mártires, autorizadas todas com multidão de testemunhas que judicialmente se examinaram nos processos. Tendo-se misturado entre os santos mártires dois cristãos fervorosos e zelosos, para assisti-los no

caminho, tiveram a ventura de tomar parte na mesma coroa, digno prêmio de sua caridade ardente. Trinta anos depois de seu martírio, precedendo as informações necessárias, decretou o papa Urbano VIII as honras devidas aos santos mártires, aos vinte e seis confessores de Jesus Cristo, dando licença para que em todas as igrejas da Companhia, no que toca aos três jesuítas, e em toda a religião seráfica, no que toca aos demais, se pudesse rezar deles e celebrar missa em sua memória, por quantos quisessem concorrer a render-lhes este culto; tudo provisoriamente até que se procedesse a sua solene canonização; sem deixar por isso o mesmo sumo pontífice de apelidá-los com o glorioso título de mártires. As relíquias dos três da Companhia estão expostas à pública veneração no colégio de Miyako (Meaco).

São Benigno, Mártir

Em Tuderto, uma das cidades antiquíssimas da Hungria, onde, segundo tradição imemorial, ressoou a voz do Evangelho nos princípios de sua promulgação, viveu no fim do século terceiro São Benigno, um dos mais esclarecidos defensores da religião cristã no tempo da hostilidade dos gentios. Educado na fé de Jesus Cristo desde sua infância e fazendo nela maravilhosos progressos segundo crescia em idade, foi dedicado ao serviço da Igreja desde seus tenros anos. Conhecendo São Pociano, bispo daquela catedral e depois ilustre mártir de Cristo, a utilidade que resultaria aos fiéis de um ministro tão zeloso como Benigno, elevou-o à dignidade sacerdotal pela ordem prescrita nos sagrados cânones. Não saíram frustradas as esperanças do santo prelado; pois, apenas esteve Benigno revestido com aquele caráter que infunde graça para exercer as funções mais sagradas, além de dar-lhe honra com sua inculpável vida, portou-se como fidelíssimo ministro de Jesus Cristo em promover e defender nossa santa fé contra o poder do abismo.

Suscitaram, em vida de nosso santo, os imperadores Diocleciano e Maximiano uma das mais cruéis perseguições que padeceu a Igreja no tempo dos gentios, que foi, por assim dizer, como um dilúvio que encheu de sangue o Oriente e o Ocidente; chegando a tal extremo a prevenção destes príncipes que os ministros e oficiais não podiam fazer-lhes maior serviço que discorrer muitos gêneros de suplícios para atormentar os mártires de Jesus Cristo. Um dos teatros onde derramaram os pagãos com desumanidade o inocente sangue dos fiéis que recusavam oferecer sacrifício aos falsos deuses do império foi Tuderto. E, conhecendo Benigno ser esta a ocasião mais a propósito de manifestar o espírito de um valoroso soldado de Cristo, declarou-se acérrimo defensor de sua religião, sem temor dos bandos terríveis nem das tiranias com que os gentios atormentavam os cristãos. Não satisfeito com socorrer os gloriosos confessores de que estavam cheios os calabouços e cárceres, com alentar muitos que titubeavam nos tormentos, com esforçar não poucos que desfaleciam à vista dos suplícios e com expor sua vida cada dia acompanhando-os aos cadafalsos, sem poupar trabalhos nem fadigas que pudessem contribuir para dar valor aos perseguidos, principiou a pregar publicamente contra a impiedade dos pagãos e os néscios delírios da idolatria, manifestando-lhes que só na religião de Jesus Cristo podiam os homens conseguir sua salvação. Tiveram os gentios por enorme atentado tão generosa resolução, prenderam-no no mesmo momento e procuraram amilanar seu espírito com diferentes gêneros de castigos; mas, vendo frustradas todas as suas tentativas, as quais só serviram para aumentar seus triunfos e dar maior testemunho de sua constância, e continuando na néscia porfia de querer rendê-lo, mereceu

Benigno a glória do martírio no dia 13 de fevereiro, pelos anos 303. Não nos constam as classes de tormentos que padeceu; mas podemos discorrer que foram dos mais cruéis, mediante o furor que conceberam os pagãos ao ver desprezados seus deuses e os editos de seus príncipes por um esforçado militar de Jesus Cristo.

Seu corpo foi sepultado no lugar onde, logo que se sossegou a tempestade, edificaram os fiéis uma igreja dedicada a seu nome, da qual restam alguns vestígios. Depois de destruída, trasladou-se o corpo com pompa célebre ao templo das religiosas beneditinas, situado na mesma cidade, chamado das milícias, no qual sucedeu o seguinte prodígio. Havia roubado um monge a cabeça do santo da urna de prata em que se custodiava; mas não lhe foi possível encontrar as portas para sair da igreja, por mais requintadas diligências que para isso fez. Pelo que, reconhecendo seu erro, voltou ao seu lugar a preciosa relíquia.

Martirológio Romano

Em Antioquia, a festa de São Ágabo, profeta, de quem faz menção São Lucas nos Atos dos Apóstolos.

Em Ravena, Santa Fusca, virgem, e Santa Maura, sua ama, as quais, depois de terem sofrido muitos tormentos no tempo do imperador Décio, sob o juiz Quinciano, acabaram seu martírio sendo traspassadas com uma espada.

Em Melitene, na Armênia, São Polieucto, que chegou à coroa do martírio por meio de provas rigorosas sofridas na mesma perseguição.

Em Lyon, na França, São Juliano, mártir.

Em Todi, São Benigno, mártir.

Em Roma, o santo papa Gregório II, que resistiu ao imperador Leão Isáurico com invencível firmeza e enviou São Bonifácio a pregar o Evangelho na Alemanha.

Em Angers, São Lucínio, bispo, varão de eminente santidade.

Em Lyon, na França, Santo Estêvão, bispo e confessor.

Em Rieti, Santo Estêvão, abade, varão de uma paciência admirável, em cuja morte, segundo o afirma o papa São Gregório, assistiram os anjos e se deixaram ver dos que estavam presentes.

Em Prato, na Toscana, Santa Catarina de' Ricci, virgem, natural de Florença, da ordem de São Domingos, assinalada pela abundância de dons celestiais. Bento XIV a pôs no catálogo das santas virgens. Morreu cheia de virtudes e de méritos a 2 de fevereiro; mas sua festa se celebra hoje.

Missa (oração)

A missa é em honra dos santos mártires, e a oração é a seguinte.

> **Latim:** *Deus, qui nos annua sanctorum martyrum tuorum Pauli, Joannis et Jacobi solemnitate lætificas: concede propitius, ut quorum gaudemus meritis, accendamur exemplis: Per Dominum nostrum Jesum Christum...*

Português: Ó Deus, que a cada ano nos regozijais com a solenidade de vossos santos mártires Paulo, João e Diogo, concedei-nos que, assim como nos enchem de gozo seus merecimentos, assim também nos acenda à imitação o fervor de seus exemplos: Por nosso Senhor Jesus Cristo...

Epístola

A epístola é do capítulo 10 de São Paulo aos Hebreus.

Hebreus 10,32-38

> **Latim:** 32 Rememoramini autem pristinos dies, in quibus illuminati, magnum certamen sustinuistis passionum : 33 et in altero quidem opprobriis et tribulationibus spectaculum facti : in altero autem socii taliter conversantium effecti. 34 Nam et vinctis compassi estis, et rapinam bonorum vestrorum cum gaudio suscepistis, cognoscentes vos habere meliorem et manentem substantiam. 35 Nolite itaque amittere confidentiam vestram, quæ magnam habet remunerationem. 36 Patientia enim vobis necessaria est : ut voluntatem Dei facientes, reportetis promissionem. 37 Adhuc enim modicum aliquantulum, qui venturus est, veniet, et non tardabit. 38 Justus autem meus ex fide vivit : quod si subtraxerit se, non placebit animæ meæ.

Português: 32 Trazei pois á memoria os dias primeiros, em que depois de haverdes sido illuminados, soffrestes grande combate de trabalhos: 33 pois por huma parte com opprobrios, e tribulações fostes na verdade feitos hum espectaculo: e por outra fostes feitos companheiros dos que se achavão no mesmo estado. 34 Porque não só vos compadecestes dos encarcerados, mas levastes com contentamento, que vos roubassem as vossas fazendas, conhecendo que tendes patrimonio mais excelente, e durável. 35 Não queiraís pois perder a vossa confiança, que tem hum crescido galardão. 36 Porque vos he necessaria a paciencia: para que fazendo a vontade de Deos, alcanceis a promessa. 37 Porque ainda dentro d’hum poucochinho de tempo, o que ha de vir, virá,

e não tardará. [38] Mas o meu justo vive da fé: porém se elle se apartar, não agradará á minha alma.

Nota

«Muitos santos Padres são de parecer que São Paulo escreveu aos hebreus em sua própria língua e que São Clemente e São Lucas traduziram depois a epístola em grego. Mas é mais provável que o mesmo original do Apóstolo estava também em grego, por ser então a língua mais usual até entre os próprios judeus que se achavam dispersos em todas as províncias do império. Acrescente-se a isto que a língua nativa do Apóstolo era a grega, que era a que se falava na cidade de Tarso, sua pátria.»

Reflexões

Adhuc enim modicum aliquantulum: o que resta de tempo é breve e muito breve. Que impressão tão viva como salutar não deveria fazer no coração de um cristão uma verdade de tanto desengano! Esta brevidade de vida, esta curteza de dias que nos restam foram os que fizeram olhar com tanto fastio quanto pode lisonjear os sentidos no mundo aos que compraram o fugaz tempo da vida com a duração da eternidade. A estas reflexões deveram tantos generosos mártires aquele mais que humano alento com que não só menosprezaram os deleites da vida, mas a vida mesma, à vista daquele bem infinito, daquela ditosa eternidade que nos espera no céu e merece bem o curto sacrifício que se lhe faz de uns dias tristes, quase nunca serenos, sempre fastidiosos e cheios sempre de inquietude, de turbação, de angústia, de sobressaltos e de contínuos arrependimentos. O tempo é breve. Quantos que leem isto não chegarão ao fim do ano em que o leem? O tempo é breve. E neste breve tempo há uma longa e perigosa viagem que empreender, há o negócio de maior importância que tratar; há um sem-número de obrigações que cumprir; há mil enredadas contas que ajustar; há a maior de todas as fortunas que pretender. O tempo é breve: logo é preciso não perder tempo; logo é preciso dar-se pressa; logo é forçoso não poupar diligência alguma para aproveitá-lo bem. Esta consequência é naturalíssima; nem pode tirar outra um homem cristão, um homem de juízo. Contudo, são outras e muito outras as consequências que se tiram comumente. O tempo é breve: logo é preciso malográ-lo, desperdiçá-lo, perdê-lo em diversões pouco cristãs, em frívolos passatempos, em vaidades, em coisas de pouco momento. O tempo é breve; e com tudo isso muitos o empregam numa ociosidade inútil ou regalada, sem saber em que gastá-lo; e até os que estão menos ociosos nem por isso o ocupam melhor. Dedica-se todo o tempo a correr atrás de um fumo que se dissipa, atrás de uma sombra que se desvanece, atrás de um fantasma que não tem corpo. Emprega-se o tempo em amontoar grandes riquezas sem saber por que nem para quê; em fabricar-se uma fortuna elevada de onde há de ser precipitado o mesmo que a fabrica; em deixar de si um grande nome, do qual só fica memória em uns pergaminhos velhos ou em uns registros cobertos de pó e roídos de ratos. O tempo é breve, diz o Apóstolo; pois os que logram abundância de bens temporais tratem de não ser ricos senão para socorrer com eles os pobres; os que nasceram entre a púrpura e o ouro suspirem unicamente pelo

céu; os que vivem cheios de aflições e de adversidades cravem fixamente os olhos no prêmio que os aguarda; aqueles a quem em tudo se mostra risonha a fortuna considerem-se como desterrados e respondam aos mundanos o que responderam os israelitas aos de Babilônia. Como pode alegrar-se em terra estranha um cristão verdadeiro? Sendo criado para o céu, que coisa o pode divertir neste triste desterro? Não lhe podem agradar, mas sim causar-lhe muito tédio os prazeres, as diversões com que o mundo o brinda. Quem está altamente persuadido de que certissimamente dentro de poucos meses, e talvez dentro de poucas horas, há de ser despojado de quantos bens, de quantas riquezas, de quantas dignidades possui, como pode pôr seu coração nelas? Ser rico e não saber se o será por pouco ou por muito tempo é propriamente não o ser. Oh, quantas e quão poderosas razões para usar das coisas deste mundo como se não se usasse delas! Porque a figura deste mundo é fugaz e transitória. Falando com propriedade, o mundo não é mais que uma figura sem solidez e sem substância, um sonho que diverte, uma sombra que engana, um fantasma que alucina e depois faz chorar. De real não tem mais que as amarguras e os pesares. Os trajes que brilham, as honras que deslumbram e todas estas diversões de ruído e de tumulto, em suma, não são mais que umas pinturas sem corpo, umas perspectivas aparentes: belas exterioridades, aparências risonhas, bastidores que a cada passo se correm, cenas que se mudam; aqui não há mais. Necedade de necedades correr atrás de uma sombra e apegar-se a servir a uma figura que passa e se desvanece!

Evangelho

O evangelho é do capítulo 21 de São Lucas.

Lucas 21,9-19

> **Latim:** 9 Cum autem audieritis prælia et seditiones, nolite terreri : oportet primum hæc fieri, sed nondum statim finis. 10 Tunc dicebat illis : Surget gens contra gentem, et regnum adversus regnum. 11 Et terræmotus magni erunt per loca, et pestilentiæ, et fames, terroresque de cælo, et signa magna erunt. 12 Sed ante hæc omnia injicient vobis manus suas, et persequentur tradentes in synagogas et custodias, trahentes ad reges et præsides propter nomen meum : 13 continget autem vobis in testimonium. 14 Ponite ergo in cordibus vestris non præmeditari quemadmodum respondeatis : 15 ego enim dabo vobis os et sapientiam, cui non poterunt resistere et contradicere omnes adversarii vestri. 16 Trademini autem a parentibus, et fratribus, et cognatis, et amicis, et morte afficient ex vobis : 17 et eritis odio omnibus propter nomen meum : 18 et capillus de capite vestro non peribit. 19 In patientia vestra possidebitis animas vestras.

Português: 9 E quando ouvirdes fallar de guerras, e de tumultos, não vos assusteis: estes cousas sim devem succeder primeiro, mas não será logo o fim. 10 Então lhes dizia: Levantar-se-ha nação

contra nação, e reino contra reino. [11] E haverá grandes terremotos por varias partes, e epidemias, e fomes, e aparecerão cousas espantosas, e grandes sinaes do ceo. [12] Mas antes de tudo isto lançar-vos-hão elles as mãos, e perseguir-vos-hão entregando-vos ás synagogas, e aos carceres, levando-vos á presença dos reis, e dos governadores, por causa do meu nome: [13] e isto vos será occasião de dardes testemunho. [14] Gravai pois nos vossos corações, o não premeditar como haveis de responder: [15] porque eu vos darei huma boca, e huma sabedoria, á qual não poderão resistir nem contradizer todos os vossos inimigos. [16] E sereis entregues por vossos pais, e irmãos, e parentes, e amigos, e farão morrer a alguns de vós outros: [17] e sereis aborrecidos de todos por causa do meu nome: [18] entretanto não se perderá hum cabello da vossa cabeça. [19] Na vossa paciência possuireis as vossas almas.

Meditação

Dos três santos mártires Paulo, João e Diogo

Primeiro ponto

Considera a fidelidade com que estes santos mártires corresponderam ao benefício que Deus lhes fez, dispondo que nascessem de pais cristãos em meio de uma nação de gentios. Que pureza de costumes, mesmo num país tão estragado! Que vigilância, que cuidado em preservar-se da impressão que podiam temer do mau exemplo que lhes davam os pagãos! Que atenção em livrar-se dos laços e dos tropeços! Conservaram a inocência numa idade em que as paixões fazem de ordinário tanto estrago, num clima em que o amor aos deleites e a inclinação ao vício costuma antecipar-se às forças da idade, num país em que reinava a infidelidade e o paganismo. Quase estavam no berço, e já se havia apoderado de seu coração uma devoção fervorosa que os derretia em ternuras; sua perseverança constante no exercício da virtude mereceu-lhes a glória e a ventura do martírio. Nós, por assim dizer, quase nascemos cristãos desde o ventre de nossas mães, saímos à luz num país onde floresce a religião cristã; num tempo em que o exemplo de tantos bons, o exercício público e notório da religião, a piedade feita dominante e sensível nos solicita com tanto empenho, já pela voz de zelosos pregadores, já pelo auxílio dos sacramentos, já pela cópia de tantos livros espirituais, já pela muda mas eficaz eloquência de tantos bons exemplos; e com tudo isso padece triste naufrágio a inocência em meio da maior calmaria. Que digo? Não poucas vezes se estilhaça contra a praia quase antes de sair do porto. A todas as idades se atreve hoje a corrupção de costumes, a licença e a dissolução. Parece que o Senhor, para maior confusão nossa, nos quer propor três brilhantes modelos de virtude nos três ilustres mártires que hoje celebramos, todos três de idades diferentes, também de classes muito diversas. Paulo Miki, de pais tão qualificados por sua nobreza como por seus empregos; João de Goto, de casa rica e opulenta; Diogo Kisai, um pobre oficial, de humilde nascimento. Goto na flor de sua juventude; Miki no mais vigoroso da idade varonil; Kisai com mais de sessenta anos, passando já os limites da venerável ancianidade; com tudo isso, todos três, e cada qual em sua idade, em sua condição, em seu estado, fazendo uma vida cristã, fervorosa e santa. E à vista disto ficarão bem desculpadas diante

de Deus nossas desordens, nossa covardia, nossa dissolução com os poucos ou os muitos anos, com a humildade ou com a elevação do nascimento? Ah, meu Deus, que o exemplo de inocência, o valor, a virtude fervorosa dos santos condenará sem réplica os cristãos covardes, os confundirá, os convencerá, tornando-os inescusáveis!

Segundo ponto

Considera que nenhuma coisa condena tanto nossa delicadeza e nossa covardia como a mortificação e a magnanimidade dos santos mártires. Aqueles heróis do cristianismo foram homens como nós, sujeitos às mesmas paixões que nós, expostos aos mesmos e até a maiores perigos que nós, padecendo as mesmas misérias, tropeçando nos mesmos estorvos que nós. Eles professavam a mesma religião que nós, e nós não cremos em evangelho diferente do que criam eles. Nem há que escusar nossa falta de valor com a falta de auxílios e de graças; muitos de nós pode ser que tenhamos tido e que tenhamos muitas mais das que tiveram eles; mas o que não admite dúvida é que todos temos as que nos bastam para ser santos, se queremos. E, se é certo que eles tiveram com preferência a nós aquelas graças, aqueles auxílios extraordinários que era preciso para ser mártires, foi porque cooperaram com fidelidade com as ordinárias e comuns. E quem nos impede a nós de corresponder a elas como eles corresponderam? Se não logramos a ventura de morrer pela fé, em nossa mão está viver regulados pelas máximas do Evangelho. Os três mártires foram religiosos; São João de Goto e Diogo Kisai ainda não haviam saído do estado de noviços; mas a observância da lei, a humildade e a devoção obrigam em todos os estados e em todas as idades. Paulo Miki pregava a fé com eloquência, com fruto, fazendo seu zelo maravilhosas conversões. Todos podemos ser pregadores, todos podemos converter-nos em apóstolos; estejam cheios de Deus nossos corações, e nossas palavras, nossas conversações farão conquistas a Jesus Cristo. Bem pode alguém não ter talento para falar; bem pode não ter ocasião de exortar ou de persuadir; mas ninguém há que não possa pregar eficazmente com o exemplo. Já se viva em comunidade, já em casa particular, que bens não produz nos que vivem debaixo de um mesmo teto, e obrigados a uma mesma regra, a vida exemplar dos fervorosos e dos perfeitos? Que bem não faz em toda a sua casa um pai, uma mãe de família, cuja virtude, cuja vida ordenada e cristã é uma exortação, é uma missão perpétua? A grande arte da virtude se aprende melhor com os olhos que com os ouvidos. Perdem toda a sua força os melhores conselhos quando quem os dá pratica o contrário do que aconselha. Grita muito à alma a vida exemplar mais muda, e sempre grita com fruto. A cruz não era menor cruz para os santos mártires do Japão que para todos os demais fiéis: com tudo isso suspiram por ela, abraçam-na ternamente, embora saibam que nela hão de acabar sua vida. Nós professamos a mesma religião, cremos as mesmas verdades, seguimos o mesmo Evangelho; mas que diferença tão monstruosa há entre nossa vida e a sua! E esperaremos, não obstante, a mesma sorte e a própria recompensa?

Vós, Senhor, que sois tão Salvador nosso como o fostes dos santos mártires, não permitais que se percam em nós estas reflexões; aumentai nossa fé; acendei nosso coração com a mesma caridade; alumiai nossas almas com as mesmas luzes; e fazei, por vossa misericórdia, que, sendo fiéis a vossa graça, trabalhemos eficazmente de hoje em diante no único negócio de nossa salvação.

Jaculatórias

> *Pretiosa in conspectu Domini mors Sanctorum ejus.* Sl 115.

Quão preciosa é, Senhor, a seus olhos a morte de seus santos!

> *Quis me separabit a charitate Christi?* Rm 8.

Nada bastará, meu Deus, a separar-me de vosso amor, nem tribulações, nem trabalhos, nem fome, nem nudez, nem perigos, nem perseguições, nem a própria morte.

Propósitos

1. O exemplo dos santos nos confunde e torna frívolas nossas escusas. Não há que alegar nossa fraqueza para desculpar nossa covardia; a verdadeira fraqueza está em nossa má vontade. Este é o recurso dos hereges para acalmar seus remorsos e para autorizar suas desordens; fingem voluntariamente uma impotência invencível por causa de nossa fraqueza. É verdade que de nossa própria colheita não somos mais que a mesma miséria; mas esta impotência natural se supre vantajosamente com a graça, que só falta a quem não quer tê-la. Não há santo no céu que não devesse sua salvação e sua ventura à graça do Redentor; não há condenado no inferno que não esteja plenamente convencido de que ele foi unicamente o artífice de sua reprovação eterna. Desenganemo-nos: os santos tiveram tão fortes estorvos que vencer, tão violentas paixões que domar, tão grande fraqueza que esforçar; e nós temos, além disso, o que eles não tiveram (ao menos os primeiros), que é o alento e a virtude de seus exemplos. Eles foram santos com a graça do Senhor; por que não o poderemos ser nós com auxílios da mesma graça? Rende-te desde hoje a esta importante verdade e faze estas reflexões cheias de consolo nas festas de todos os santos; porque nenhum há que não nos repreenda de nossa fraqueza voluntária. Aproveita-te do exemplo que te dão e aprende bem a grande lição que te ensinam.

2. Ama a cruz, e sentirás pouco tua fraqueza; sê mortificado, e serás fiel e generoso. Assustam-se os sentidos só com a memória dos preceitos e das máximas do Evangelho. Ao só nome de mortificação sobressaltam-se, estremecem as paixões; o amor-próprio, sempre de inteligência com estes inimigos de nossa salvação, reclama, amotina-se com as leis da vida cristã. Não dês ouvidos a seus gritos, ri-te de seus esforços, despreza suas ameaças; ama a cruz, exercita-te na mortificação; não se passe dia algum sem adorar a Cristo crucificado, sem beijar suas chagas muitas vezes, sem pedir-lhe o espírito de mortificação e de penitência. Serve muito, aproveita muito a terna devoção à santa cruz para que sejamos menos delicados, menos sensíveis e mais mortificados.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:44:54 by Admin
Updated 20 November 2026 20:44:54 by Admin